

LINGUAGEM E IDENTIDADES

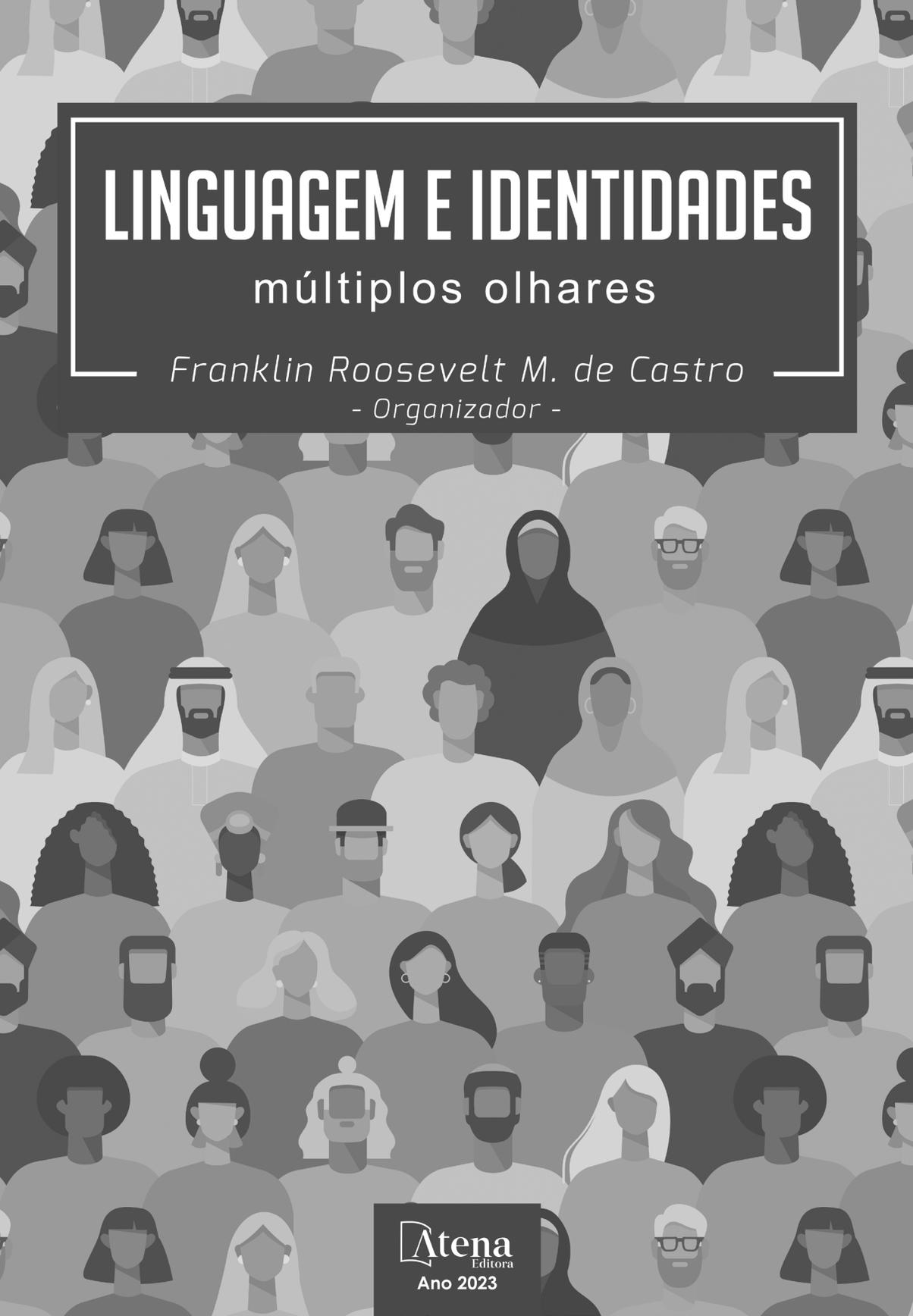
múltiplos olhares

Franklin Roosevelt M. de Castro

- Organizador -

Atena
Editora

Ano 2023



LINGUAGEM E IDENTIDADES

múltiplos olhares

Franklin Roosevelt M. de Castro

- Organizador -

Atena
Editora
Ano 2023

Editora chefe

Profª Drª Antonella Carvalho de Oliveira

Editora executiva

Natalia Oliveira

Assistente editorial

Flávia Roberta Barão

Bibliotecária

Janaina Ramos

Projeto gráfico

Bruno Oliveira

Camila Alves de Cremona

Luiza Alves Batista

Imagens da capa

iStock

Edição de arte

Luiza Alves Batista

2023 by Atena Editora

Copyright © Atena Editora

Copyright do texto © 2023 Os autores

Copyright da edição © 2023 Atena

Editora

Direitos para esta edição cedidos à Atena Editora pelos autores.

Open access publication by Atena

Editora



Todo o conteúdo deste livro está licenciado sob uma Licença de Atribuição *Creative Commons*. Atribuição-Não-Comercial-Não-Derivativos 4.0 Internacional (CC BY-NC-ND 4.0).

O conteúdo dos artigos e seus dados em sua forma, correção e confiabilidade são de responsabilidade exclusiva dos autores, inclusive não representam necessariamente a posição oficial da Atena Editora. Permitido o *download* da obra e o compartilhamento desde que sejam atribuídos créditos aos autores, mas sem a possibilidade de alterá-la de nenhuma forma ou utilizá-la para fins comerciais.

Todos os manuscritos foram previamente submetidos à avaliação cega pelos pares, membros do Conselho Editorial desta Editora, tendo sido aprovados para a publicação com base em critérios de neutralidade e imparcialidade acadêmica.

A Atena Editora é comprometida em garantir a integridade editorial em todas as etapas do processo de publicação, evitando plágio, dados ou resultados fraudulentos e impedindo que interesses financeiros comprometam os padrões éticos da publicação. Situações suspeitas de má conduta científica serão investigadas sob o mais alto padrão de rigor acadêmico e ético.

Conselho Editorial**Linguística, Letras e Artes**

Profª Drª Adriana Demite Stephani – Universidade Federal do Tocantins

Prof. Dr. Alex Luis dos Santos – Universidade Federal de Minas Gerais

Profª Drª Angeli Rose do Nascimento – Universidade Federal do Estado do Rio de Janeiro

Profª Drª Carolina Fernandes da Silva Mandaji – Universidade Tecnológica Federal do Paraná

Profª Drª Denise Rocha – Universidade Federal do Ceará

Profª Drª Edna Alencar da Silva Rivera – Instituto Federal de São Paulo

Profª Drª Fernanda Tonelli – Instituto Federal de São Paulo

Prof. Dr. Gilmei Fleck – Universidade Estadual do Oeste do Paraná

Profª Drª Keyla Christina Almeida Portela – Instituto Federal de Educação, Ciência e Tecnologia do Paraná

Profª Drª Miranilde Oliveira Neves – Instituto de Educação, Ciência e Tecnologia do Pará

Profª Drª Sheila Marta Carregosa Rocha – Universidade do Estado da Bahia

Linguagem e identidades: múltiplos olhares

Diagramação: Natália Sandrini de Azevedo
Correção: Flávia Roberta Barão
Indexação: Amanda Kelly da Costa Veiga
Revisão: Os autores
Organizador: Franklin Roosevelt Martins de Castro

Dados Internacionais de Catalogação na Publicação (CIP)

L755 Linguagem e identidades: múltiplos olhares / Organizador
Franklin Roosevelt Martins de Castro. – Ponta Grossa -
PR: Atena, 2023.

Formato: PDF

Requisitos de sistema: Adobe Acrobat Reader

Modo de acesso: World Wide Web

Inclui bibliografia

ISBN 978-65-258-0910-6

DOI: <https://doi.org/10.22533/at.ed.106233101>

1. Linguística. 2. Literatura. 3. Identidade. 4.
Linguagem. I. Castro, Franklin Roosevelt Martins de
(Organizador). II. Título.

CDD 410

Elaborado por Bibliotecária Janaina Ramos – CRB-8/9166

Atena Editora

Ponta Grossa – Paraná – Brasil
Telefone: +55 (42) 3323-5493

www.atenaeditora.com.br

contato@atenaeditora.com.br

DECLARAÇÃO DOS AUTORES

Os autores desta obra: 1. Atestam não possuir qualquer interesse comercial que constitua um conflito de interesses em relação ao artigo científico publicado; 2. Declaram que participaram ativamente da construção dos respectivos manuscritos, preferencialmente na: a) Concepção do estudo, e/ou aquisição de dados, e/ou análise e interpretação de dados; b) Elaboração do artigo ou revisão com vistas a tornar o material intelectualmente relevante; c) Aprovação final do manuscrito para submissão.; 3. Certificam que os artigos científicos publicados estão completamente isentos de dados e/ou resultados fraudulentos; 4. Confirmam a citação e a referência correta de todos os dados e de interpretações de dados de outras pesquisas; 5. Reconhecem terem informado todas as fontes de financiamento recebidas para a consecução da pesquisa; 6. Autorizam a edição da obra, que incluem os registros de ficha catalográfica, ISBN, DOI e demais indexadores, projeto visual e criação de capa, diagramação de miolo, assim como lançamento e divulgação da mesma conforme critérios da Atena Editora.

DECLARAÇÃO DA EDITORA

A Atena Editora declara, para os devidos fins de direito, que: 1. A presente publicação constitui apenas transferência temporária dos direitos autorais, direito sobre a publicação, inclusive não constitui responsabilidade solidária na criação dos manuscritos publicados, nos termos previstos na Lei sobre direitos autorais (Lei 9610/98), no art. 184 do Código Penal e no art. 927 do Código Civil; 2. Autoriza e incentiva os autores a assinarem contratos com repositórios institucionais, com fins exclusivos de divulgação da obra, desde que com o devido reconhecimento de autoria e edição e sem qualquer finalidade comercial; 3. Todos os e-book são *open access*, *desta forma* não os comercializa em seu site, sites parceiros, plataformas de *e-commerce*, ou qualquer outro meio virtual ou físico, portanto, está isenta de repasses de direitos autorais aos autores; 4. Todos os membros do conselho editorial são doutores e vinculados a instituições de ensino superior públicas, conforme recomendação da CAPES para obtenção do Qualis livro; 5. Não cede, comercializa ou autoriza a utilização dos nomes e e-mails dos autores, bem como nenhum outro dado dos mesmos, para qualquer finalidade que não o escopo da divulgação desta obra.

As identidades são complexas e dinâmicas em um mundo globalizado e marcado pela diversidade cultural, política e social. Este livro busca oferecer aos leitores uma visão ampla da intrincada relação entre linguagem e identidade. Como nossas práticas de linguagem constituem e são constituídas pelas nossas identidades?

Da Literatura, às atividades escolares; do nosso modo de falar ao modo como nos percebemos, o livro “Linguagem e identidades – múltiplos olhares” reúne sete textos que ao estilo de uma sinfonia, expressa um tom e um instrumento de olhar e escuta. Os capítulos podem ser lidos individualmente sem afetar a visão geral, ou podem seguir uma sequência. Há quatro capítulos dedicados a refletir a respeito das identidades linguísticas seja por uma visão sociofonética descrita por Beatriz Freire, ou por Emerson Brandão e Franklin Castro ao interpretarem a autopercepção da fala de moradores da cidade de Parintins – AM. Na esteira das línguas indígenas, Marlon Azevedo nos expõe a visão etnolinguística sobre o povo Sateré-Mawé, localizado do Baixo Amazonas, e o quanto a preservação das línguas originárias são um patrimônio imaterial incalculável. Luiz de Carvalho se debruça sobre as práticas linguísticas nas escolas, e modo como elas constituem papéis sociais e promovem identidades autônomas aos cidadãos de múltiplos letramentos.

Quando se trata da Literatura e a construção de identidades, deparamo-nos com o capítulo de Sahmaroni Rodrigues que se pergunta sobre a escritura de autor e os diversos fios discursivos que se amalgamam em sua subjetividade autoral. Joiciany Sarmento, em sua pesquisa de Trabalho de Conclusão de Curso em Letras ergue o volume das vozes do feminismo, com destaque às escritoras negras, em especial Carolina de Jesus. Quem são estas mulheres? Qual é o seu lugar de fala? Estas perguntas norteiam o texto das autoras. Por fim, Delma Sicsú e Danglei Castro nos presenteiam com uma reflexão sobre o tema da morte na Literatura Indígena de Yaguarê Yamã. Não há mais espaço para uma academia que silencia mulheres pretas e escritores indígenas. O texto dos autores é uma visibilização das vozes das florestas e de toda a sua riqueza cultural, cosmológica e científica. O que deixamos de aprender com os povos do Brasil?

Desejamos que estes textos cheguem a todos os leitores e pesquisadores ávidos por novas maneiras de existência, pautadas no Amor, no Respeito, e na Diversidade.

Franklin Roosevelt Martins de Castro
Parintins, 08 de novembro de 2022

CAPÍTULO 1	1
IDENTIDADE LINGUÍSTICA: UM ESTUDO SOCIOFONÉTICO	
Beatriz Funayama Alvarenga Freire	
 https://doi.org/10.22533/at.ed.1062331011	
CAPÍTULO 2	17
IDENTIDADE LINGUÍSTICA: ASPECTOS FONÉTICOS E FONOLÓGICOS DA FALA PARINTINENSE	
Emerson Lopes Brandão	
Franklin Roosevelt Martins de Castro	
 https://doi.org/10.22533/at.ed.1062331012	
CAPÍTULO 3	31
LÍNGUA E LINGUAGEM DO POVO INDÍGENA SATERÉ-MAWÉ NO MÉDIO AMAZONAS	
Marlon Jorge Silva de Azevedo	
Andrew Ira Nevins	
 https://doi.org/10.22533/at.ed.1062331013	
CAPÍTULO 4	45
OFICINAS DE PRODUÇÃO TEXTUAL: SEQUÊNCIAS DIDÁTICAS E ENSINO FUNDAMENTAL NA ESCOLA MUNICIPAL MINERVINA REIS FERREIRA, PARINTINS/AM.	
Luis Alberto Mendes de Carvalho	
Tatiana Oliveira Pereira	
Claudenilza Bezerra de Souza	
 https://doi.org/10.22533/at.ed.1062331014	
CAPÍTULO 5	60
“NÃO SOU ESCRITORA, EU ESCREVO”: LITERATURAS SUBTERRÂNEAS, TERRITÓRIOS EXISTENCIAIS	
Sahmaroni Rodrigues de Olinda	
 https://doi.org/10.22533/at.ed.1062331015	
CAPÍTULO 6	75
A REPRESENTAÇÃO E AUTORREPRESENTAÇÃO DA MULHER NEGRA NA OBRA QUARTO DE DESPEJO	
Joiciany Melo Sarmiento	
Delma Pacheco Sicsú	
 https://doi.org/10.22533/at.ed.1062331016	
CAPÍTULO 7	90
O EFEITO ESTÉTICO DA MORTE EM QUATRO NARRATIVAS DA LITERATURA INDÍGENA AMAZONENSE	
Delma Pacheco Sicsú	
Danglei de Castro Pereira	

 <https://doi.org/10.22533/at.ed.1062331017>

SOBRE OS AUTORES 109

O EFEITO ESTÉTICO DA MORTE EM QUATRO NARRATIVAS DA LITERATURA INDÍGENA AMAZONENSE

Data de aceite: 26/12/2022

Delma Pacheco Sicsú

Doutoranda do programa de Pós Graduação em Letras da Universidade de Brasília. E-mail: delmasicsu@bol.com.br

Danglei de Castro Pereira

Doutor em Letras pela UESP; professor de Literatura Brasileira da UnB. E-mail: danglei@terra.com.br

INTRODUÇÃO

Pensar o mundo, a vida e o homem pela literatura pode ser a porta de entrada para compreendermos melhor o outro.

Em se tratando de literatura, destaca-se aqui a produção literária de escritores indígenas amazonenses que nos ajudam a conhecer e compreender a visão de mundo dos indígenas.

Por meio desses textos é possível percebermos como certos temas são vistos e absorvidos pelos nativos, diferente da concepção do homem não indígena.

Diferente do posicionamento de muitos analistas e críticos de literatura,

defendemos aqui a literatura indígena como objeto de arte de grande valor, mas que por ser proveniente da oralidade, ainda é vista para muitos como literatura menor. Por se tratar de uma literatura rica que trata não apenas do contexto do homem amazônico, mas transcende para outros espaços, faz-se nesse artigo um recorte acerca dessa literatura para tratar especificamente sobre o tema da morte presente nos textos selecionados para este estudo. Assim, para se discutir sobre o efeito estético da morte nesses textos, é tomada a questão da morte presente em quatro narrativas da literatura indígena amazonense.

Tomamos aqui o modelo de pirâmide invertida partindo do geral para o particular, pois entendemos que para se chegar a um elemento específico na literatura em questão é necessário antes de tudo compreendê-la como objeto de arte que contempla todos os elementos do texto literário, mas tem suas particularidades por se tratar de uma literatura produzida por indígenas, cujo

saber e produção escrita partem antes de tudo da oralidade.

O trabalho crítico aqui proposto pretende tratar acerca da estetização da morte na literatura indígena amazonense a partir de um trabalho de leitura, análise e interpretação dos textos elencados. Acreditamos que a literatura indígena amazonense nos possibilita a aplicação da teoria da Epistemologia do Romance proposta por Wilton Barroso, pois nos provoca a pensar em torno da condição humana a partir de diferentes temáticas presentes nesses textos.

Entre essas temáticas, destacamos a morte. Tema delicado e controverso que dependendo da cultura, do olhar de cada pode ser compreendido de diferentes maneiras.

Ao tomarmos a morte como ponto principal a ser discutido neste texto, elencamos aqui algumas narrativas orais que analisadas em momentos das partes (decomposição do texto) e o momento do texto (interpretação) nas narrativas *Çaiçú- Indé: o primeiro grande amor do mundo*; *Gunaby Muru-Gawá: a origem do beija-flor*; Tykuã e a origem da anunciação e Um curumim, uma canoa. Como sustentação teórica deste estudo, nos apoiamos em Barroso (2018), Kundera (2016), Loureiro (2015), Bachelar (2019), e outros que contribuíram significativamente para a reflexão da temática em questão.

A PRESENTIFICAÇÃO DA MORTE EM MITOS DA LITERATURA INDÍGENA AMAZONENSE

Ao se tratar de literatura indígena amazonense, caminha-se por um campo em que o imaginário da floresta e do rio se fundem com a realidade do homem amazônico, cuja existência, direta ou indiretamente, está ligada às histórias de mitos, lendas e visagens da cultura amazônica. Independente desse homem viver na zona ribeirinha ou na cidade, o imaginário amazônico está presente em sua vida.

Nas cidades interioranas há quem acredite ainda em pássaros anunciadores de maus presságios, em visagens, encantos e seres sobrenaturais. Essa relação do homem amazônico com o imaginário da floresta é muito importante para ele dar sentido a muitas situações que lhe ocorrem, bem como compreender o porquê de determinados fenômenos. Isso, contudo, não significa que este homem esteja alheio a outra forma de conhecimento. Pelo contrário, mesmo conhecendo a ciência, o homem amazônico não abre mão do saber popular para resolver seus problemas, suas inquietações. É muito comum, por exemplo, a prática de mandar puxar “desmentidura¹” ou de buscar se curar por meio das ervas medicinais encontradas nas florestas.

Paes Loureiro, em seu livro *Cultura amazônica, uma poética do imaginário* faz um estudo muito rico em torno da cultura amazônica, buscando articular os dois espaços: a

1. Deslocação do osso; luxação; contusão

cidade e o campo num diálogo constante entre esses saberes.

Nas cidades as trocas simbólicas com outras culturas são mais intensas, há maior velocidade nas mudanças, o sistema de ensino é mais estruturado, os equipamentos culturais são em maior número e há dinamismo próprio das universidades. No ambiente rural, especialmente ribeirinho, a cultura mantém sua expressão mais tradicional, mais ligada à conservação dos valores decorrentes de sua história. A cultura está mergulhada num ambiente onde predomina a transmissão oralizada. Ela reflete de forma predominante a relação do homem com a natureza e se apresenta imersa numa atmosfera em que o imaginário privilegia o sentido dessa cultura. (Loureiro, 2015, p. 78)

Todo esse saber encontra-se expresso na literatura indígena amazonense que desde 2001 tem surgido no mercado editorial brasileiro hoje no suporte livro como forma de deixar para a posteridade as histórias do homem amazônico contadas e escritas por indígenas.

A referida literatura abarca em seus textos o modo de ver e de pensar o mundo por meio do olhar do indígena, cujas histórias não apenas narram sobre bichos, mitos, lendas e visagens, mas refletem a condição humana por meio de temáticas exploradas nesses textos, como é o caso da morte.

Diferente do que se pode pensar, a literatura indígena nos provoca a pensar em diferentes questões em torno da nossa condição humana, independente de esta estar fora do cânone literário.

Por isso, embora esta literatura ainda não seja consolidada, ela nos permite aplicar a teoria crítica proposta por grandes estudiosos na reflexão e interpretação de diferentes temáticas nela presente.

Kundera afirma que “a imaginação do leitor completa automaticamente a do autor” (2016). Isso vale para os trabalhos com a literatura indígena quando pretende lançar um olhar não de leitor comum sobre esses textos, mas sim o olhar de um leitor crítico que decompõe o texto e o analisa à luz das teorias.

Para Kundera, o “espírito do romance é o espírito da complexidade. Cada romance diz ao leitor. “As coisas são mais complicadas do que você pensa”. (2016, p.26) Isso vale para a literatura indígena que, embora pareça simples de ler, tem uma maneira de dizer como os indígenas veem o mundo e a vida. Assim, além da presença do mito e da lenda, essas narrativas trazem nas malhas do discurso importantes reflexões sobre o Homem, sobre questões que afligem o nativo, sua relação com a cidade, entre outras. Na obra *Um curumim, uma canoa* do escritor indígena Yaguarê Yamã, é sob o olhar do curumim que o mito e a lenda aparecem na narrativa; é sob o olhar do curumim² que se coloca a reflexão da condição do índio na contemporaneidade que vê seu território cada vez mais diminuído

2. Menino na linguagem indígena

em detrimento da construção de casas e edifícios. O curumim, em sua viagem imaginária, na canoa, anda por diferentes reinos até se deparar com a cidade:

Bem cedinho, no terreiro da aldeia, ele se senta. Bumbum no chão (é assim que se senta)... remo na mão. E sob os pés... palha de cacho de açaí ele tem – ela é a sua canoa. Sua viagem é longa. Vai para uma terra distante.

A mãe, diz: - Aguiry, não demora. O beijú está pronto.

- Já vou mamãe! – responde ele antes via [...]

E correndo, prontamente ele pega o beiju:

- Vou levar um pouco.

E volta para sua canoa. Pronto. Agora sim.

- Para onde é a viagem mesmo?

- Ah sim, para o Reino da Cobra-Grande. Num distante rio, onde as serpentes falam.

Num distante rio onde a água corre ao contrário.

Num distante rio onde os botos vivem feito gente.

Num distante rio onde os povos da floresta se juntam aos povos da cidade.

Um curumim e uma canoa unidos num só objetivo: viajar e desbravar os sonhos de uma infância, de um mito.

Na brincadeira inocente de um indiozinho, canoa e curumim – um par pequenino (Yamã, 2012, p. 3 - 23).

Em sua viagem imaginária, o menino se depara com os seres encantados do rio, mas também chega ao seu destino final em que vê seu espaço dividido com a cidade.

Esse trecho chama atenção, pois trata do contato das crianças indígenas com a cidade. Esse contato mostra na narrativa a morte da inocência do menino, do purismo e, principalmente, a morte cultural, pois cada vez que o indígena tem contato com a cidade, ele morre um pouco. Essa morte cultural pode ser constatada quando muitos jovens ao virem para cidade estudar ou para outro objetivo, não querem mais voltar para a aldeia, pois sentem saudade do barulho da cidade quando estão longe dela. Ronaldo Michilles, indígena da etnia Sateré-Mawé, acadêmico do curso de Letras do Município de Maués, perguntado se ao se graduar, voltaria para a sua comunidade, respondeu: “Não pretendo voltar mais porque eu gosto muito da cidade. Lá, na tribo, é muito triste, muito calado. Eu sinto falta do barulho da cidade quando estou lá!”³

Retomando a narrativa *Um curumim, uma canoa*, chama-se atenção para o meio de transporte usado pelo menino: a canoa. Os barcos são os principais meios de transporte na Amazônia e é por meio deles que o homem faz suas viagens, sejam elas de curta ou

3. Relato colhido durante uma reunião com os alunos de Letras da Universidade do Estado do Amazonas no Núcleo de Estudos Superiores de Maués.

longa duração.

No imaginário do curumim, a canoa feita de palha de açai o levará para mundos distantes; mundos em que habita seres encantados como a cobra grande e o boto. É, pois a canoa que levará o curumim para um mundo distante em que sua inocência dá passagem à compreensão da morte, da derrubada da floresta para dar lugar às casas e grandes construções.

Interessante destacar aqui a simbologia da canoa como transporte da vida para a morte ou vice-versa. De acordo com Lexicon, o barco “simboliza frequentemente a travessia do Reino dos Vivos para o Reino dos Mortos, ou vice-versa; é encontrada nas concepções míticas de muitos povos” (1990, p. 33).

Em sua viagem imaginária o curumim faz a travessia entre os dois reinos, uma vez que no fundo do rio, de acordo com o imaginário amazônico, habitam feras como a cobra grande, peixes carnívoros como a piraíba e também o boto que tem o poder de encantar e levar para o fundo do rio, homens e mulheres por ele encantados. Por isso, quando na Amazônia alguém morre afogado e não se encontra o corpo, para muitos, esse alguém está encantado no fundo do rio.

A morte é, pois, uma constante e se encontra no imaginário amazônico nos mitos, nas lendas, nas histórias de visagens presentes na literatura.

O barco não é apenas o meio de transporte, mas é a concretização da morte contínua do sujeito que a cada viagem, seja ela rotineira ou não, seja ela longa ou curta, ele morre sempre um pouco.

Kundera nos diz que:

Aparentemente não existe nada de mais evidente, de mais tangível e palpável do que o momento presente. E, no entanto, ele nos escapa completamente.

Toda tristeza da vida está ali. Durante um único segundo, nossa vista, nossa audição, nosso olfato registram (consciente ou inconsciente) uma massa de acontecimentos e, por nossa cabeça, passa um cortejo de sensações e de ideias. Cada instante representa um pequeno universo, irremediavelmente esquecido no instante seguinte (2016, p. 33)

Do que afirma Kundera, pode-se dizer que há infinitas mortes no tempo presente, uma vez que cada situação vivida, cada acontecimento morre quando já não podemos mais viver o que passou. Por isso, cada viagem também é uma morte do momento vivido, pois as sensações, as emoções morrem exatamente no momento em que acontece. Isso significa dizer que paradoxalmente vivemos e morreremos no mesmo tempo. E se entendemos a morte como finitude, a cada dia, a cada instante estamos lado a lado com ela.

Na literatura indígena amazonense a morte não é tida como um fim, mas como um prosseguir, como uma passagem para um outro espaço. E ela é narrada nos mitos, nas

lendas e histórias de assombração.

A narrativa “Çaiçú-Indé: o primeiro grande amor do mundo”, de autoria do escritor indígena Roni Wasiri Guará, é um claro exemplo em que a morte se manifesta a partir do mito cosmogônico.

Cada narrativa inicia-se com a presença de Moñag, que,

Certo dia, uma grande voz em sua solidão e, por meio de trovões, trouxe-lhe uma mensagem. Monag começou a rezar, e fez durante milhares de anos, cultivando o divino que havia dentro de seu coração e, finalmente, veio-lhe a inspiração para organizar a criação do mundo (GUARÁ, 2011, p. 7).

Ao criar o mundo, Monãg mata a solidão que o acompanhava. Ele cria um mundo perfeito, porém quando foram criadas as noites que serviam para os homens descansarem, as serpentes resolveram roubá-la e a esconderam em uma caverna (GUARÁ, 2011, p. 9).

Ao usurpar a noite, as serpentes matam o direito dos homens descansarem, obrigando-os a trabalharem dia após dia. Essa passagem revela, sob o signo do mito, a usurpação das riquezas dos indígenas e a exploração do colonizador, metaforizado aqui na figura das serpentes.

Davi Kopenawá (2015), no livro *A queda do céu*, diz que o colonizador trouxe para os indígenas, consequências drásticas como as doenças. Com ele veio a morte física (doenças como a sífilis entre outras), a morte cultural (pelo processo de aculturação do indígena) e a morte da língua (quando o colonizador impõe sua língua como principal mecanismo de dominação).

Na narrativa Çaiçú`Indé: *o primeiro grande amor do mundo*, as serpentes usurpadoras da noite, são metáforas do colonizador, pois são elas não só que tiram dos índios o direito de descansar, mas também são tidas por eles como o espírito do mal.

São as serpentes as causadoras da morte terrena de Yani, a índia gurreira, apaixonada por Guaracy, o sol. A morte terrena, contudo, não é o fim para Yani, uma vez que antes de morrer, ela pede a Monãg⁴. O grande deus atende ao pedido da índia e a transforma na lua. Contudo, a distância entre os dois permanece pela incompatibilidade de tempo, pois Yani (a lua) é da noite e Guaracy (o sol) é do dia. Monãg busca solucionar em parte o dilema do casal, permitindo-lhes que se encontrem em raras ocasiões. Desse encontro surge assim o eclipse, conhecido pelos índios da etnia maraguá como Çaiçú`Indé.

Importante destacar aqui a morte do encontro amoroso que ocorre após o término do eclipse e só renasce numa ocasião em que ocorre o fenômeno quando lua e sol terão novamente a oportunidade de se amar, num tempo fugaz que morrerá logo após a separação dos dois, o que nos possibilita pensar na morte constante dos momentos vividos como afirma Kundera.

4. Deus do bem e criador do mundo na mitologia da etnia Maraguáb

Ainda nessa narrativa, tem-se a morte concretizada pelo sono de Yani que, ao adormecer, é picada pela serpente. Ao acordar, a índia tem certeza e sua morte física, por isso suplica a Moñag que atenda seu último desejo: leva-la para junto de seu amado:

Quando veio a noite, a serpente do mal chegou de surpresa e mordeu a índia. Ela sentiu aquela dor e gritou para o seu amor Sol, mas ele não escutou seu pedido de socorro. Ela saiu correndo até cair enfraquecida.

Em seus últimos momentos, ela pediu a Moñag que queria ir junto para o céu também para ficar perto de Guaracy.

O grande criador, então, compadeceu-se da tristeza da bela índia e atendeu seu pedido. Transformou-a em um ser igual a Guaracy: redonda e de luz própria. E lá se foi Yani, a bela que passou a habitar lá no céu. (GUARÁ, 2011, p. 24)

A morte terrena para Yani não foi o fim, mas a possibilidade da realização de um desejo: ficar próxima de seu amado. Contudo, para ter seu desejo atendido, a índia precisou passar por uma metamorfose. Foi preciso que sua forma humana morresse para dar lugar a uma outra forma, não humana, mas que lhe permitia estar mais próxima de seu grande amor, de ter outra existência. O sonho de Yani foi, portanto, concretizado.

Bachelard, em seu livro *A poética do devaneio*, nos mostra como o sonho e o desejo são essenciais para o escritor que imagina um mundo possível, concretizando-o no plano da ficção; um mundo que não é vivido por ele, mas que lhe possibilita a efetivação do seu sonho.

[...]o sonhador de mundo não olha o mundo como um objeto, precisa apenas do olhar penetrante. E o sujeito que contempla. Parece então que o mundo contemplado percorre uma escala de clareza quando a consciência de ver é a consciência de ver grande e consciência de ver belo. (BACHELARD, 2009, p. 178).

Ao narrar a história de Yani e Guaracy, Guará nos mostra como a humanidade para ir em busca de seus sonhos, precisa morrer para algumas coisas. Esse morrer está voltado para aquilo que muitas vezes abrimos mão para viver um grande amor como nos distanciarmos dos nossos pais, amigos e suportar a ausência da pessoa amada.

A história de Yani e Guaracy nos mostra uma das maneiras de como os indígenas veem e pensam o amor, fortalecido na morte, nas diferenças, no absurdo, na relação entre os opostos que se concretiza entre a lua e o sol, o dia e a noite, a luz e a escuridão. Afinal, “que seria dos grandes sonhos da noite se não fossem sustentados, nutridos, poetizados pelos lindos devaneios dos dias felizes”. (BACHELARD, 2009, p. 2002)

Bachelard nos fala exatamente da nossa necessidade de sonhar, de projetar o mundo, o futuro como queremos. E o escritor faz isso: ele usa a literatura para pensar, para criar um mundo possível de acordo com seu modo de ver o mundo, com seu sonho,

projetado na narrativa por meio das ações das personagens.

O homem do devaneio e o mundo do seu devaneio estão muito próximos, tocam-se, compenetraram-se. Estão no mesmo plano de ser; se for necessário ligar o ser do homem ao ser do mundo, o cogito do devaneio há de enunciar-se assim: eu sonho o mundo; logo o mundo existe como sonho. (BACHELARD, 2009, p. 152).

O mundo existente do homem, conforme seu sonho, concretiza-se na literatura quando o escritor coloca nas páginas do livro um mundo possível na ficcionalidade; um mundo crível. Isso vale, certamente, para a literatura indígena amazonense, objeto deste estudo. O mundo possível do escritor indígena, coloca seu modo de ver e pensar o mundo com ingredientes típicos de seu contexto (os mitos, as lendas, as histórias de fantasmagoria, as crenças, etc.), mas com temáticas atemporais e universais (como a morte) que extrapolam o texto literário indígena para além do espaço em a obra encena.

Diante dessa constatação, acreditamos que essas narrativas refletem o mundo, a vida o fim da vida, as diferentes configurações de questões delicadas e por vezes cara ao homem como é o caso da morte. Assim como o romance “é um espaço possibilitador de conhecimentos da existência” (BARROSO FILHO. BARROSO, ..., ...), as narrativas indígenas também são.

A discussão trazida por Wilton Barroso Filho e Maria Veralice Barroso acerca da Epistemologia do Romance, nos permitiu sua aplicabilidade aos estudos da literatura indígena, fazendo um recorte para uma invariante presente nas narrativas elencadas para estudo: o tema da morte. A invariante, ora mencionada, é uma constante na literatura indígena amazonense e aparece configurada de diferentes maneiras.

Na narrativa *Tikuã e a origem da anunciação* do escritor indígena Elias Yaguakãng, a morte aparece personificada na figura de um pássaro agourento⁵, o tikuã⁶. O referido pássaro dependendo da maneira como canta pode anunciar coisas boas ou ruins. Assim, de acordo com o imaginário amazônico, se o tikuã cantar triste é sinal de que algo ruim está para acontecer. O excerto abaixo da narrativa *Tikuã e a origem da anunciação* ilustra esse poder do pássaro:

Tykuã viveu muitos anos e de velhice desencantou. Dizem que se incorporou no tikuã, ave amazônica que tem fama de ser agourento. Quando o dia está bonito e vai haver fartura, ouve-se um canto alegre. Quando o dia está feio, ou se uma desgraça se aproxima, o canto é triste assim:

- Tikuã...tikuã...tikuã. (YAGUKÃG, 2014, p. 27)

A narrativa em questão conta a história de Tykuã, um indiozinho que vivia feliz com

5. Que anuncia bons ou maus presságios.

6. No imaginário amazônico, o tikuã, é um pássaro encantado cujo canto pode prenunciar coisas boas ou ruins como a morte.

seus pais na aldeia. Era um bom menino que ajudava a todos e tinha o poder de adivinhar o futuro, o que provocou a ira e a inveja de Anhãgá⁷, o senhor da maldade.

Anhãgá não aceitava o poder de adivinhação de Tykuã e por isso resolveu matá-lo. Cabe nesta narrativa o adágio popular “a inveja mata”, uma vez que é a inveja a causadora das artimanhas Anhãgá contra Tykuã. Por conta da inveja, a vida de Tykuã ficará em perigo, o que leva o velho pajé da tribo a tomar uma decisão:

O velho pajé, que por muito tempo curou e ajudou tantas pessoas, ficou preocupado. Decidiu buscar imediatamente o auxílio de Moñag, o deus maraguá, criador do e da terra, e lhe fez um pedido:

-Ó, Moñag, que me guiou esse tempo, sou grato por tudo o que tens feito ao povo maraguá! Rogo-te, agora, pela vida de Tykuã, pois o mal trama contra ele. (YAGUAKĂG, 2014, p. 15).

A história de Tykuã nos leva a pensar que a vida é uma constante luta contra a morte. No imaginário amazônico, Anhãgá, tem o poder de se metamorfosear em diferentes animais, em diferentes coisas para fazer maldades. O indiozinho é constantemente perseguido por Anhãgá e tem sua vida todo momento em risco. Mas a intervenção de Moñag, faz com que Tykuã vença o grande mal e viva por muitos e muitos anos.

Enfraquecido e gemendo de dor, Tykuã rogou a Moãg outra vez:

-Moñag, me salve, pois conhece o meu coração.

No mesmo instante, um vento frio tomou conta da floresta. E uma voz determinou:

- Levanta-te, menino, e luta contra o gavião! [...]

Tykuã estava a salvo do gavião, porém ainda sentia dor por causa da picada da serpente. Mas o próprio Moñag cuidou de sua ferida, e o menino regressou são e salvo. (YAGUĂG, 2014, p. 21-22)

A história de Tykuã nos mostra que a distância entre a vida e a morte é muito tênue e que estamos, de certa forma, a todo momento morrendo, pois o instante vivido jamais será reavivado. Isso significa dizer que, as narrativas indígenas muito têm a nos dizer. Daí que compreendê-la à luz da Epistemologia do Romance é um caminho para mostrar como essas narrativas carregam saberes ancestrais e que são importantes sim para a manutenção da identidade cultural amazônica, mas além disso, trata também de questões inerentes a nossa condição humana. Para Wilton Barroso Filho e Maria Veralice Barroso:

A Epistemologia do Romance procura compreender a condição humana do homem de nosso tempo que se encontra representada na pluralidade dos saberes transdisciplinares. Tais saberes, no nosso entendimento, se mostram e se constroem pela observação e diálogo com o (s) fundamento (s) constitutivos da obra analisada. (BARROSO FILHO. BARROSO, 2015, p. 21).

7. Entidade maligna; espírito do mal

Ao tomarmos como objeto deste estudo, narrativas da literatura indígena amazonense, abrimos a discussão em torno de temáticas inerentes à condição humana em histórias que fazem parte do capital cultural do Amazonas há séculos, mas que questões de assuntos presentes na vida do homem desde o início do mundo. Entre essas questões estão os direitos humanos.

Rememoramos aqui o texto *O direito à literatura* de Antônio Cândido em que além de outros direitos humanos, Cândido afirma que a literatura deve ser encarada e defendida como um direito básico ao Homem. Assim da mesma forma que as sociedades letradas têm o direito de produzir e ter acesso à literatura no formato livro impresso, os indígenas também o tem.

Ao registrarem no suporte livros as narrativas, os escritores da literatura indígena amazonense contribuem para que a cultura de ouvir e contar histórias não morra, mas permaneça viva na memória de quem lê essa literatura. Trazer da oralidade para a escrita os mitos, as lendas, as histórias de visagens⁸, é possibilitar que a identidade cultural amazônica, presente nos livros continue viva no imaginário amazônico e transcenda para outros espaços.

A história de um povo pode morrer se não houver um mecanismo que a mantenha viva e a deixe registrada para a posteridade. Por isso, escrever sobre o modo de ver e pensar o mundo inscrito nos mitos, nas lendas, nas histórias de assombração é um mecanismo de defesa e de arquivamento da memória dos povos indígenas, contribuindo assim, para que permaneçam vivas as narrativas ancestrais repassadas de geração para geração por meio da oralidade.

O direito de narrar, de contar histórias, de compartilhar saberes é um direito que deve ser assegurado aos indígenas. Diante disso, tomamos aqui a importância do livro *A queda do céu* como leitura obrigatória para quem trabalha com a literatura indígena brasileira, pois nesse livro temos a voz de um xamã, o clamor dos yanomis pelo direito de viver, de manter viva sua cultura, seus rios e a floresta, como se pode perceber na fala de Davi Kopenawa.

A primeira vez que falei da floresta longe de minha casa foi durante uma assembleia na cidade de Manaus. Mas não foi diante de brancos, e sim de outros índios. Era a época em que os garimpeiros estavam começando a invadir nossas terras, nos rios Apiaú e Uaricaá. Então, Ailton Krenak e Alvaro Tukano, liderança da União das Nações Indígenas, me convidaram a falar. Disseram-me: "Você deve defender a floresta de seu povo conosco. Precisamos falar juntos contra os que querem se apossar de nossas terras! Senão, vamos acabar todos desaparecendo, como nossos antigos antes de nós". (KOPENAWA. BRUCE. 2015, p. 385)

8. São histórias de assombração, de fantasmas

Narrar sobre o seu povo foi um mecanismo de defesa adotado pelos índios, tendo como porta-voz Davi Kopenawa para que por meio dele o povo yanomami continuasse vivo física e culturalmente. Em um dos trechos do livro, Kopenawa diz que aprender a língua do branco foi difícil porque teve que se aproximar dele e apropriar-se de sua língua para que o pudesse ser ouvido.

Destacamos também aqui a discussão trazida por Ailton Krenak, liderança e escritor indígena da etnia krenak. Ailton (2018) trata sobre a importância de se retomar as discussões dos direitos dos povos indígenas, focando na necessidade de continuar a lutar pelos territórios que lhes foi usurpado e continua sendo desde a chegada do colonizador.

Para Krenak, “perder os territórios, perder a tranquilidade e perder o sossego foi o fruto para o nosso povo desta construção do Brasil, sendo que muitas das nossas tribos pagaram com suas vidas este processo de construção da nação brasileira”. (2018, p. 28)

Apesar do extermínio de muitas tribos no processo de colonização e de construção do Estado, as tribos indígenas brasileiras que restaram procuram manter viva a essência cultural de seus ancestrais, lutando todo dia contra a morte, pois constantemente têm seu território invadido e diminuído, sua voz calada e cultura sub julgada por muitos que olham o saber pela ótica da subalternidade.

Ainda Krenak afirma:

Acredito que a maioria das comunidades indígenas continua mantendo seu propósito de guardar suas tradições, de guardar seu caminho, de reverenciar a herança de nossos antepassados, não no sentido boboca de ficar imitando o passado, mas no sentido de nos dar respeito e a honra de continuarmos sendo os guardiões da memória de nosso povo, e isto, se justifica obviamente não apenas fazendo uma imitação da história antiga, mas interagindo, nos habilitando, nos capacitando a cuidar da nossa vida sem fazer uma imitação exagerada da vida moderna e ocidental, em que estaríamos abandonando o que temos como riqueza e como base fundamental para a construção do nosso caminho futuro. (2018, p. 29).

Manter a herança dos seus antepassados no livro impresso é uma ferramenta para resguardar a memória dos povos indígenas. Por isso, para o escritor indígena, escrever sobre seu povo é assegurar que a tradição oral de contar histórias hoje circule além das aldeias, possibilitando assim que não indígenas conheçam não apenas os mitos, o imaginário da floresta mas também o modo de ver, viver e pensar dos povos indígenas.

Em sua essência o indígena brasileiro sempre usou a oralidade para transmitir seus saberes, e agora ele pode usar outras tecnologias como mecanismo de transmissão. Aí está o papel da literatura indígena, produzida por escritores indígenas que nasceram dentro da tradição oral, que podem não viver mais em aldeias, mas que carregam em seu cerne criador um vasto sentido de pertencimento.

Esta literatura tem contornos de oralidade, com ritos de grafismos e sons

da floresta, que tem em suas entrelinhas um sentido de ancestralidade que encontrou nas palavras escritas, transpostas em livros, não só um meio para perpetuação, mas também para servir de mecanismo para que os não indígenas conheçam um pouco mais da riqueza cultural dos povos originários. (HAKIY, 2018, p. 38).

Transpostas para o livro, a literatura indígena, em especial a amazonense, objeto deste estudo, não só contribui para a perpetuação da cultura indígena amazonense, como também abre a possibilidade de se lançar um olhar científico sobre ela enquanto objeto artístico. E como objeto de arte, essa literatura possibilita diferentes abordagens, diferentes interpretações.

Diante disso, encontra-se nessas narrativas o tema da morte que nos provoca a refletir também sobre outras questões em do homem como o suicídio e a eutanásia.

O DIREITO DE MORRER EM *GUANÃBY MURU-GAWUÁ*: A ORIGEM DO BEIJA FLOR

A literatura pelo seu caráter plurissignificativo e por dialogar com diferentes áreas do conhecimento, nos permite pensar a vida, a existência humana sob diferentes ângulos. Por meio da literatura, podemos compreender o mundo, percebendo as linhas, entrelinhas e além das linhas do texto; podemos perceber o dito e o não no texto.

Encontrar assim o não dito em uma obra literária exige do leitor um debruçar-se sobre o texto, um exercício hermenêutico que o possibilite enxergar além daquilo que está imanente no texto. O presente estudo debruça-se a literatura indígena amazonense, tomando como fio condutor da análise dos textos selecionados para este estudo a teoria da Epistemologia do Romance. Segundo Santana,

A epistemologia do Romance realiza a decomposição da obra literária através do *sério ludere*, ou seja, uma maneira de analisar pelo jogo estabelecido entre o objeto literário e o leitor. É por essa possibilidade de leitura que compreende que a interpretação da obra literária não se esgota.⁹ (2018, p.18)

E é pela possibilidade de leitura, de diferentes interpretações que se toma aqui neste tópico a perspectiva da Epistemologia do Romance e sua possível aplicabilidade ao estudo da literatura indígena amazonense, em diálogo com a Estética da Recepção. Na Estética da Recepção o leitor aparece como terceira via no que diz respeito à produção de sentidos do texto literário. E como terceira via- as outras são o autor e a obra- cada leitor aporta sentido ao texto conforme seu capital de leitura que vai desde a leitura de mundo até a leitura do texto escrito, possibilitando assim o não esgotamento do texto literário, pois a literatura é um campo aberto para diferentes possibilidades de leitura e interpretação.

9. Retirado do texto *Os 100 termos ou expressões recorrentes em Epistemologia do Roman*. O referido texto foi retirado da dissertação de Mestrado de Denise Moreira Santana.

Wolfgang Iser (1979), ao tratar sobre o jogo entre o objeto estético e o leitor, enfatiza que a relação entre autor, texto e leitor é um processo sempre em andamento, pois cada leitor produz uma interpretação que antes não existia. Diante disso, compreende-se que o sentido da obra literária está em constante processo de resignificação, não apenas pelo seu caráter plurissignificativo, mas também pelo aporte de sentido que cada leitor dá ao texto.

Os autores jogam com os leitores e o texto é o campo do jogo. [...] O texto é composto por um mundo que há ainda de ser identificado e que é esboçado de modo a incitar o leitor a imaginá-lo e, por fim interpretá-lo. Essa dupla operação de imaginar e interpretar faz com que o leitor se empenhe na tarefa de visualizar as muitas formas possíveis do mundo identificável, de modo que, inevitavelmente, o mundo repetido no texto começa a sofrer modificações. Pois não importa que novas formas o leitor traga vida: todas elas transgridem e daí modificam o mundo referencial. (ISER, 1979, p. 106).

O jogo do texto exige do leitor um olhar mais apurado que permita-lhe perceber o sentido imanente, o sentido por detrás do texto e a produção de novos sentidos. Nesse jogo, o leitor pode tirar do texto questões que não estão postas a olho nu, mas que podem surgir para, se ele lançar mão de elementos que o ajudem a encontrar o não dito. As teorias críticas fazem parte desses elementos que ajudam a esmiuçar e interpretar um texto literário. No presente estudo, a Epistemologia do Romance, em diálogo com a Estética da Recepção, ajuda significativamente a sustentar a análise e interpretação em torno da morte presente no texto *Guanãby Muru-Gawuá: a origem do Beija Flor* tocando no direito de morrer.

A narrativa em questão conta a história de Guanãby, mãe da índiazinha Potyra. Guanãby era “uma senhora caridosa que tinha ficado viúva muito cedo, passando a viver exclusivamente para sua única filha”. (YAMÃ, 2012, p. 6)

Guanãby, porém, nunca superou a morte do marido, vivia margurada e um dia acabou por falecer. “Potyra ficou só. Passou momentos de muita tristeza, e seu único consolo era visitar todos os dias a sepultura da mãe, próxima a um cajueiro, rente à praia margeada pelas águas rio Guarinamã” (YAMÃ, 2012, p. 10)

A índiazinha não comia, sentia falta da mãe e todo dia implorava para ela a levasse para perto dela. “Não comia, não brincava... Só ficava sentada, imóvel, durante horas, junto ao cajueiro onde estava enterrado o corpo de Guanãby. Como se sua mãe ainda estivesse viva”. (YAMÃ, 2012, p. 12)

Na crença dos antigos maraguá, quando alguém morre, sua alma é transformada em borboleta. Potyra não resistiu e também tempo morreu, mas sua alma não virou borboleta. A alma da menina,

[..] ficou presa em uma flor de batata'rana próxima à sepultura da mãe, para ficar sempre ao seu lado. Enquanto isso, a alma da mãe, que havia se transformado em alma-borboleta, voava entre as flores que Potyra plantou enquanto estava viva. A alma –borboleta de Guanāby aproximou-se da flor em que estava presa a alma da filha e ao ouvir um cantar choroso, reconheceu a voz de Potyra. Gunāby, porém não teve forças para sugar a alma de Potyra daquela flor. ((YAMÃ, 2012, p. 14- 18)

A alma-borboleta suplicou a Moñag que a ajudasse libertar a alma de sua filha. Moñag atende o pedido de Guanāby, transformado a alma-mãe em um beija-flo que,

Voou até a flor, desprendeu com o bico a alma da filha e a levou muito feliz para o descanso eterno no Āgaretama – o mundo dos espíritos.

Desde então, quando morre uma criança Maraguá órfã de mãe, sua alma permanece guardada dentro de uma flor de batata rana. Ali espera que a mãe venha busca-la em forma de beija-flor, para leva-la ao Āgaretama, onde está o grande e colorido jardim de Monag (Yamã, 2012, p. 26-27).

A morte percorre essa narrativa do início ao fim e a ausência do ente querido provoca a solidão e a depressão em Guanāby, levando-a a morte.

Toca-se, na narrativa em questão, em temas delicados e polêmicos como a orfandade e o suicídio. Isso nos provoca a refletir em torno de um mal que tem assolado a humanidade e levado ao suicídio: a depressão que, por sua vez, tem sido como uma das causas do tédio.

A narrativa *Guanāby Muru-Gáwa: a origem do beija-flor* nos provoca assim a pensar na questão do tédio como um dos fatores da morte de Guanāby e Potyra, e isso nos leva a perceber aqui a condição do homem pós-moderno que, embora imerso em inúmeras coisas e situações que aparentemente lhe dão ânimo, acabam na verdade enfadando-se; aborrecendo-se. O tédio leva assim à depressão que por sua vez leva à morte.

A narrativa nos possibilita ainda a refletir acerca da condição do indígena na cidade e de como a saudade da vida na aldeia pode levá-lo ao tédio ou à procura de uma válvula de escape como o consumo exagerado de álcool, problema este muito presente entre os indígenas que moram na cidade. Longe da sua aldeia, o indígena tem que ter contato com pessoas não-indígenas cujos costumes são diferentes dos seus.

A discussão trazida por Lipovtsky e Sorroy (2013), em torno da estetização do mundo, nos ajuda a compreender como o tédio pode interferir na vida das pessoas, sejam elas oriundas de sociedades tradicionais ou não.

Nas sociedades tradicionais a vida cultural era repetitiva, marcada por gostos e práticas uniformes; mas era tida como natural, e os indivíduos, adaptados a essa vida, não se queixavam dela, não a viviam nem na monotonia nem no tédio. Já em nossas sociedades, a oferta cultural é imensa e variada, os gostos se diversificam e se singularizam: é por isso que as insatisfações culturais se tornaram tão numerosas quanto inevitáveis.

A cultura aparece como um setor não apenas de dissenso, mas também

A história de Guñaby e Potyra leva ainda a outra questão: o direito de morrer quando elas, entediadas com a vida, encontram na morte a saída. Guañaby de tão angustiada morre, abrindo assim a possibilidade para acreditarmos que ela cometeu suicídio. Potyra, por sua vez, não suportando a ausência da mãe e o tédio precisa suplicar a Moñag, o Deus supremo dos maraguá que ele a leve para perto de sua mãe.

Potyra reivindica a ele o direito de deixar a vida terrena para estar perto espiritualmente de sua mãe em outro plano. Nas entrelinhas do texto, nos atrevemos aqui a relacionar a súplica de Potyra com a eutanásia, assunto polêmico e controverso que certamente está também nas sociedades indígenas, talvez com dita de uma outra forma.

O artigo *Entre o nada e o tudo, a morte humana*¹⁰, de Denise Moreira Santana e Nathalia Cordeira da Silva, nos ajudam a refletir sobre a morte da narrativa “Guañaby Muru-Gawá: a origem do beija-flor”, texto ficcional que nos provoca a pensar que o “embate em relação a um tema tão delicado como este se dá no dia a dia, na fronteira realística de hospitais, de funerárias, das dores familiares pela perda de um ente e do ritual que o corpo *anima* nos demanda”. (SANTANA. SILVA. 2019, p.2)

Sobrinho (2014) também nos ajuda a elucidar acerca da estetização da morte, embora tome como objeto de estudo a obra literária de Yuki Mishina. Segundo Sobrinho, antes de realizar seu ritual suicida, Mishima escreveu: “A vida humana é finita, mas eu gostaria de viver para sempre”.

De certo modo, podemos aplicar o que escreveu Michima, à personagem Potyra, que pede para morrer fisicamente, mas quer continuar vivendo no plano espiritual junto à mãe. A morte, o suicídio, a depressão, o tédio, entre tantas outras questões estão na vida do Homem, fazem parte da sua condição humana e são exploradas na literatura de modo que nos leve a pensar, a refletir sobre a nossa condição.

Nesse sentido, os estudos de Hanna Arendt são muito importantes para a compreensão e discussão do que se trata de fato a condição humana.

Segundo Arendt (2007), a condição humana depende de três atividades fundamentais: o labor, o trabalho e a ação. O primeiro refere-se à nossa condição biológica, a segunda ao artificialismo de nossa existência e a terceira à condição humana da pluralidade a qual diz respeito ao fato de que a existência humana depende da vivência de homens e não homens na terra.

A pluralidade é a condição da ação humana pelo fato de sermos todos os mesmos, isto é, humanos, sem que ninguém seja exatamente a qualquer pessoa que tenha existido, exista ou venha existir.

10. Artigo disponível em <https://epistemologiadoromance.blogspot>

As três atividades e suas respectivas condições têm íntima relação com as condições mais gerais da existência humana: o nascimento e a morte, a natalidade e a mortalidade [...]. O que quer que toque a vida humana ou entre em duradoura em relação a ela, assume imediatamente o caráter de condição humana (ARENDETT, 2007, p. 16-17).

A literatura, seja ela oral ou escrita, faz parte da pluralidade que contempla as três atividades da condição humana e ela toca, sem dúvida nenhuma, na vida humana ao abarcar tudo que diz respeito à existência da humanidade, metaforizada na ação das personagens, sujeitos de papéis incorporados que por suas ações mostram o humano com toda sua vileza, qualidades, bravuras, fracassos, bondade, maldade, enfim, tudo que diz respeito ao Homem.

Em se tratando de literatura indígena, essas personagens falam e agem como humanos, corporificados em pessoas, animais, monstros, deuses, espíritos, para por meio delas se dizer como se vê e como se pensa o mundo na concepção indígena. O modo de ver e de pensar o mundo podem ser diferentes, mas as questões tratadas são inerentes ao Homem. Daí que lançar mão da Epistemologia do Romance para aplicá-la ao estudo em questão é uma possibilidade de pensar a literatura indígena amazonense para além do seu espaço, pois reflete em torno da humanidade e todas as suas problemáticas que firmam em torno do Homem, presentes nos mitos e nas lendas como afirmam Wilson Barroso e Maria Veralice: "... a Epistemologia do Romance demonstra ter consciência de ser a literatura uma arena de encontros e de diálogo entre as várias áreas do conhecimento. Por isso, ao mesmo tempo em que dialoga com um tipo específico de receptor, pressupõe também um outro tipo de escritor e um outro tipo de romance" (Barroso Filho. Barroso. 2018, p. 29).

Ao ler e analisar um texto literário é preciso colocar em prática o exercício de pensar. É, pois, por meio desse exercício que se consegue perceber as nuances, as ideias, o dito e o não dito no texto. Esse exercício exige ainda um trabalho laborioso de decomposição e análise a partir de teorias que o sustentem.

Como uma teoria não acabada, mas em constante processo de pesquisa, a perspectiva da Epistemologia nos ajuda aqui a tomar a literatura indígena como um campo plural a ser investigado que nos permite dialogar com diferentes áreas do conhecimento.

O artigo *Elementos para uma Epistemologia do Romance*¹¹, de Wilton Barroso Filho contribuiu consideravelmente para que a discussão aqui travada pudesse ser aplicada na perspectiva da teoria proposta por ele proposta.

O gesto epistemológico, ou sujeito investigativo, procura de forma absoluta passar para além do texto, perguntando-lhe o que é possível saber do objeto/texto/conjunto de textos/obras. Este gesto epistemológico voltado ao texto faz com que se entre na estrutura íntima do romance, decompondo-o, procurando

11. Artigo disponível em <https://epistemologidoromance.blogspot>

regularidades, procedimentos formais, em suma, um fundamento ou princípio geral (2018, p. 5).

Barroso Filho destaca ainda a importância do narrador como elemento importante a ser considerado na decomposição, análise e interpretação de um texto literário na perspectiva da Epistemologia do Romance. Do conjunto da literatura indígena amazonense, toma-se quatro narrativas para o presente estudo. Nessas quatro narrativas, temos a figura do narrador onisciente que se coloca na posição de um *rapsodo* para contar aquilo que experienciou. Destaca-se aqui a importância do narrador na literatura indígena pois, embora hoje transposta para o livro, essa literatura traz marcas significativas da oralidade. Marcas essas fundamentais para a manutenção identitária dos povos amazônicos. Fechamos este tópico lembrando o ensaio *Experiência e Pobreza*¹², de Walter Benjamin em que fala da importância da experiência transmitida durante a vida:

De forma concisa com a autoridade da velhice, em provérbios; de forma prolixa, com sua loquacidade em histórias; muitas vezes como narrativas de países longínquos, diante da lareira, contadas a pais e netos. Que foi feito de tudo isso? Quem encontra ainda pessoas que saibam contar histórias como elas devem ser contadas? Que moribundos dizem hoje palavras tão duráveis que possam ser transmitidas como um anel de geração em geração? Quem é ajudado, hoje, por um provérbio oportuno? Quem tentará, sequer, lidar com a juventude invocando sua experiência? (BENJAMIN, 2019, p. 1).

Das palavras de Benjamin, entende-se, portanto, a importância da literatura indígena que, mesmo registrada hoje no formato livro, contribui significativamente para que a ancestralidade dos povos indígenas do Amazonas, seus mitos e lendas sejam repassados de geração para geração, para além do espaço da tribo, para além do Amazonas.

CONCLUSÃO

Ao lançar mão da Epistemologia do Romance para dar um olhar investigativo e interpretativo da literatura indígena amazonense, o presente trabalho não tem a pretensão de chegar a uma conclusão pronta e acabada dessa teoria ainda em construção.

Pretende-se aqui apontar uma possibilidade de análise e crítica da literatura indígena amazonense, tomando certamente como base principal a perspectiva da Epistemologia do Romance em diálogo com outros estudos.

O presente estudo nos possibilita mostrar a literatura indígena amazonense como um campo fértil para diferentes abordagens. Nesse caso, optou-se por afunilar este estudo para a questão da morte, por ser este um tema recorrente nas narrativas estudadas e que possibilita uma série de reflexão acerca da condição humana.

O presente estudo é, pois apenas uma janela aberta para outros olhares; para outras

12. Texto disponível em <https://bibliotecasocialvirtual.files.wordpress>

propostas de investigação acerca da literatura indígena.

REFERÊNCIAS

ARENDDT, Hannah. *A condição humana*. 10.ed. Trad. Roberto Raposo. Rio de Janeiro: Forense Universitária, 2007.

BARROSO FILHO, Wilton. *Elementos para uma epistemologia do romance*. Disponível <https://epistemologiadoromance.blogspot> Acesso em 20/12/2018

_____. BARROSO, M. V. *Epistemologia do Romance: uma proposta metodológica possível para uma análise do romance literário*. Disponível <https://epistemologiadoromance.blogspot> Acesso em 03/12/2018

BACHELARD, Gaston. *A poética do devaneio*. Trad. Antonio de Pádua Danesi. São Paulo: Martins Fonte, 2009.

BENJAMIN, Walter. *Experiência e Pobreza*. Disponível em <https://bibliotecasocialvirtual.files.wordpress> Acesso em 10/01/2019

CÂNDIDO, Antônio. *O direito à literatura*. Disponível em <https://edisciplinas.usp.br>. Acesso 10/12/2018

GUARÁ, Roni Wasiri. *Çaíçú indé: o primeiro grande amor do mundo*. Manaus: Editora Valer, 2011.

HAKIY, Tiago. *Literatura indígena – a voz da acenstralidade*. In. DORRICO, Julie *et al.* *Literatura indígena brasileira contemporânea: criação, crítica e recepção*. Porto Alegre, RS: Editora Fi, 2018.

ISER, Wolfgang. *O jogo do texto*. In. JAUSS, Hans Robe *et al.* *A literatura e o leitor: textos da Estética da Recepção*. 2.ed. Trad. Luiz Costa. Rio de Janeiro: Paz e Terra, 1979.

KRENAK, Aílton. *Retomar a história, atualizar a memória, continuar a luta*. In. DORRICO, Julie *et al.* *Literatura indígena brasileira contemporânea: criação, crítica e recepção*. Porto Alegre, RS: Editora Fi, 2018.

KOPENAWA, Davi. ALBERT, Bruce. *A queda do céu: palavras de um xamã yanomâmi*. Trad. Beatriz Perrone-Moisés. São Paulo: Companhia das Letras, 2015

KUNDERA, Milan. *A arte do romance*. Trad. Treza Bulhões Carvalho da Fonseca. São Paulo: Companhia das Letras, 2016.

LEXIKON, Herder. *Dicionários de símbolos*. Trad. Erlon José Paschoal. São Paulo: Editora Cultrix, 1990.

LIPOVETSKY, Gilles. SERROY, Jean. *A estetização do mundo: viver na era do capitalismo artista*. Trad. Eduardo Brandão. São Paulo: Companhia das Letras, 2015.

LOUREIRO, João de Paes. *Cultura Amazônica: uma poética do imaginário*. 4.ed. Belém, PA: Cultural Brasil, 2015.

SANTANA, Denise Moreira. SILVA, Nathália Coelho. Entre o nada e o tudo, a morte humana. Disponível em <https://epistemologiadoromance.blogspot> – Acesso em: 10/01/2019

_____. *Aura: a ontologia do tempo na atemporalidade da obra de Carlos Fuentes*. Dissertação. (Mestrado em Literatura). Universidade de Brasília, Brasília, 2017.

YAGUAKÃG, Elias. *Tykuã e a origem da anunciação*. Ilustração Kammal João. Rio de Janeiro: Rovel, 2014

YAMÃ, Yaguarê. *Guañaby Muru-Gawá: a origem do beija-flor*. Ilustração Taisa Borges. São Paulo: Peirópolis, 2012.

_____. *Um curumim, uma canoa*. Ilustração Simone Matias. Rio de Janeiro: Zit, 2012.

FRANKLIN ROOSEVELT MARTINS DE CASTRO – Doutorando no Programa de Pós-Graduação em Linguística na UNICAMP. Doutorando no Programa de Pós-Graduação em Filosofia na UFC. Graduado em Letras; Mestre em Filosofia pela Universidade Federal do Ceará (UFC) com intercâmbio na Pontifícia Universidade Católica do Rio Grande do Sul (PUCRS) sobre o Idealismo Alemão. Atualmente é Professor Assistente na Universidade do Estado do Amazonas/ Centro de Estudos Superiores de Parintins. Atua na linha de pesquisa: língua, cultura e sociedade e na pesquisa sobre Filosofia da Linguagem e do Conhecimento. Estuda as práticas de linguagem em relação às identidades e ao ensino de línguas a partir da Sociolinguística, Análise do Discurso e Pragmática. Investiga o problema da linguagem na História da Filosofia com foco no pensamento de Soren Kierkegaard.

DELMA PACHECO SICSÚ - Possui graduação em Letras pela Universidade Federal do Amazonas (1994), comunicação Social/Jornalismo também pela Universidade Federal do Amazonas (2013) Atualmente é professora da Universidade do Estado do Amazonas (UEA) no curso de Letras. Também é professora da SEDUC (Secretaria Estadual de Educação, Cultura e Desporto). Tem experiência na área de Letras, com ênfase em Literatura InfantoJuvenil. É Mestre em Letras e Artes pela Universidade do Estado do Amazonas; Especialista em Literatura Brasileira Moderna e Pós Moderna pela UFAM (Universidade Federal do Amazonas); Especialista em Educação, Desenvolvimento e Políticas Educativas pela Faculdade Aldemar Rosado -FAR, em convênio com O Centro de Formação, Estudos e Pesquisas- FORUM. Atualmente é aluna do do Pós-Lit.- Doutorado em Literatura e Práticas Sociais pela Universidade de Brasília. Desenvolve pesquisa de Doutorado com a Literatura Indígena Amazonense.

LUIS ALBERTO MENDES DE CARVALHO - Mestre em EDUCAÇÃO EM CIÊNCIAS NA AMAZÔNIA, pela Universidade do Estado do Amazonas – UEA (2012). Membro do Grupo de Pesquisa Multilinguismo e Multiculturalismo no Mundo Digital, liderado pela Doutora Claudia Marinho Wanderley, da Universidade Estadual de Campinas. Docente de Língua Portuguesa na UEA e SEDUC/AM.

MARLON JORGE SILVA DE AZEVEDO - Possui graduação em Normal Superior pela Universidade do Estado do Amazonas (2008) e graduação em Letras Libras pela Universidade Federal de Santa Catarina UFSC (2011). Pós-graduado em Educação Especial e Inclusiva pela Faculdade Internacional de Curitiba FACINTER (2011). Mestre em Letras e Artes pela Universidade do Estado do Amazonas - UEA 2015. Doutorando em linguística pela UFRJ. Atualmente é professor efetivo em nível superior pela Universidade do Estado do Amazonas - UEA, lotado no Centro de Estudos Superior de Parintins - CESP. Professor efetivo de Sala de Recursos AEE na Secretaria do Estado de Educação do Amazonas - SEDUC, com experiência docente na Escola Normal Superior, e na faculdade Boas Novas ambas situadas em Manaus. Tem experiência na área Linguística na Educação de Surdos, com ênfase na língua de sinais indígenas Sateré-Mawé

SAHMARONI RODRIGUES DE OLINDA - Doutor em Educação Brasileira pela Universidade Federal do Ceará / Université Paris 13 Sorbonne/Nord. Pesquisador integrante do Grupo de Estudos e Pesquisa em Didática e Formação Docente. Docente do curso de Pedagogia FAGED – UECE/ Itapipoca. Escritor com três livros publicados: Cantos (contos), O amante

(novela), Um cemitério de almas puras (Contos).

BEATRIZ FUNAYAMA ALVARENGA FREIRE - possui graduação em medicina pela Faculdade de Medicina de Botucatu – Unesp, Doutorado em medicina pela Unesp, Pós-doutorado em medicina pela Rijkuniversiteit Groningen – Holanda e Mestrado em linguística pela Unicamp. Atualmente é Professora Assistente Doutora aposentada da Faculdade de Medicina de Botucatu- Unesp.

JOICIANY MELO SARMENTO - 23 anos, nascida no interior do Amazonas, graduada em Letras pela Universidade do estado do Amazonas- Uea em 2022 no município de Parintins-AM, estudou Pós- graduação em Língua Portuguesa e Literatura Brasileira na instituição de ensino FACOL- Faculdade Orígenes Lessa, tendo como linha de pesquisa o feminismo negro e literatura africana.

EMERSON LOPES BRANDÃO - Acadêmico do 8º período do curso de Licenciatura em Letras, do Centro de Estudos Superiores de Parintins - Universidade do Estado do Amazonas.



LINGUAGEM E IDENTIDADES

múltiplos olhares



www.atenaeditora.com.br



contato@atenaeditora.com.br



[@atenaeditora](https://www.instagram.com/atenaeditora)



www.facebook.com/atenaeditora.com.br

Atena
Editora

Ano 2023



LINGUAGEM E IDENTIDADES

múltiplos olhares

 www.atenaeditora.com.br

 contato@atenaeditora.com.br

 [@atenaeditora](https://www.instagram.com/atenaeditora)

 www.facebook.com/atenaeditora.com.br